

RECEPÇÃO: NOVA PERSPECTIVA NOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO

Conta-se que um intelectual famoso foi dar uma conferência dedicada aos aspectos matemáticos do corte da roupa. O tema atraiu um público inesperado: estilistas, mulheres interessadas em moda etc. Mas a primeira frase do conferencista – “Suponhamos, para simplificar, que o corpo humano tenha a forma de esfera” – afugentou-os. Ficaram na sala apenas os matemáticos, para quem era dirigida a conferência. Para eles nada havia de assombroso naquela frase. Desse modo, selecionou-se o auditório¹.

Quisemos começar nosso texto sobre recepção contando esse caso para deixar registradas duas chaves de leitura: a) quando tratamos de recepção, estamos tratando também do outro pólo: o da emissão. Só o encontro dos dois constitui a comunicação. Por isso, é preferível falar sempre em campo da comunicação. Os estudos de recepção não são um *lado novo* da comunicação: trata-se apenas de uma nova perspectiva desses estudos, a qual vem se desenvolvendo nas últimas décadas; b) quando se fala em comunicação, não estamos tratando apenas daquela veiculada pelos suportes tecnológicos (chamados meios de comunicação, mídia), embora os consideremos de extrema importância na atualidade, configurando-se, inclusive, como destacados construtores de realidades. Comunicação é interação entre sujeitos que, para tanto, podem utilizar-se predominantemente – e às vezes tão-somente – do mais democrático de todos os suportes: o aparelho fonador. As feiras, a literatura de cordel, o circo, o teatro, o folhetim, o carnaval, entre muitas outras configuram-se nessa modalidade de comunicação e constituem as matrizes históricas dos produtos dos meios de comunicação, tal qual os conhecemos hoje.

Para que haja comunicação, é preciso que os interlocutores tenham uma “memória” comum, participem de uma mesma cultura. Isso porque a comunicação se manifesta nos discursos e os discursos que circulam na sociedade se constituem a partir da intertextualidade, que Chabrol conceitua assim: “trata-se de todos os fenômenos de citação, referência, retomada, empréstimo, transformação, derivação, desvio, inversão

A AUTORA

Maria Aparecida Baccega

Professora Livre-Docente do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Diretora Editorial da Revista *Comunicação & Educação*.

1. LOTMAN, Iuri M. *El texto y la estructura del auditorio* (O texto e a estrutura do auditório). *Críticos* 31. La Habana: Casa de las Américas/UNEAC, jan./jul. 1994. p.229-236.

entre textos, contemporâneos ou não, na esfera dos discursos sociais, quer seja no interior de um mesmo domínio, quer seja entre suportes midiáticos ou ainda entre domínios diversos (mídias, literatura, cinema, publicidade etc.)”².

Desse modo, vemos que todo discurso se constitui a partir de sua inter-relação com os outros e só assim poderá ser interpretado. Bakhtin, um dos mais importantes teóricos da linguagem, tratando da linguagem verbal, afirma que a verdadeira substância da língua é a interação verbal (e não o sistema abstrato de formas lingüísticas). Essa realidade fundamental da língua, segundo o autor, manifesta-se no diálogo: “Pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ não apenas como a comunicação, em voz alta, de duas pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”³. Exemplifica com o livro: “o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre portanto da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc. Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política etc.). *Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado*”⁴.

DÍALOGO NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

Cada discurso, quer seja emitido por um indivíduo-sujeito ou por um sujeito-coletivo, usando apenas a própria voz ou a tecnologia mais avançada – satélite, por exemplo – é, na verdade, a atualização de um processo de interlocução entre vários discursos, manifestação de diálogos, entre os mais diversos gêneros e até entre as mais diferentes épocas. Assim, tanto o pólo da emissão, aquele que produz o programa, que escreve o jornal, quanto o pólo da recepção, aquele que vê, ouve ou lê o produto, só têm sua completude sacramentada, só significam pela via desse diálogo. Trata-se de diálogo que tem como cenário uma determinada cultura, e sem o qual não haveria (não se poderiam constituir) a telenovela, o noticiário, a música etc. Não haveria, inclusive, os programas policiais, no rádio e na televisão, que causam tanta polêmica. Sem esse diálogo com a cultura, com as referências culturais, de ambos os pólos e entre eles mesmos, teríamos uma parcialidade que impediria a constituição de sentido.

2. CHABROL, Claude. *Le lecteur: fantôme ou réalité? Étude des processus de réception* (O leitor: fantasma ou realidade? Estudo dos processos de recepção). In: CHARAUDEAU, Patrick. **La presse: produit, production, réception** (A imprensa: produto, produção, recepção). Paris: Didier, 1988. p.165.

3. BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4ed. São Paulo: HUCITEC, 1988. p.123 e segtes.

4. BAKHTIN, M. **Marxismo.... op. cit.** p. 123. (O grifo é nosso.)

Toda a produção dos meios de comunicação está, portanto, marcada pelos processos de interpretação-recepção de outros discursos (midiáticos ou não) efetuados pelo seu produtor. Existirá sempre um diálogo, uma interlocução, ainda que mediata, indeterminada, até mesmo tênue, como lembra Chabrol.

A Escola de Samba da Mangueira, no Carnaval de 1998, homenageou o compositor Chico Buarque de Holanda. O primeiro verso de seu samba-enredo dizia: "Oi, Iaiá, vem pra avenida, ver meu guri desfilar"⁵. A expressão *meu guri* está plena de referências na nossa cultura: ela pode estar sendo usada como indicador de afetividade ao homenageado (ele é o *meu guri*, meu menino), pode estar indicando a presença, na Escola de Samba, no Carnaval e na própria realidade brasileira contemporânea, de muitos *guris*, meninos miseráveis que já nascem com *cara de fome*, sem identificação, cujos corpos, atirados no mato, terminam estampados nos jornais. Chico os homenageia em uma de suas composições chamada *Meu guri*, na qual resgata o sofrimento, o lado profundamente humano e o universo familiar dessas crianças. A escolha de uma dessas interpretações, a partir da citação, fica a cargo do receptor. Sua escolha certamente trará as marcas de seu universo cultural.

São as referências que vão traçando percursos de leitura. Por isso dizemos que a comunicação está imersa na cultura. É uma prática cultural que produz significados, ou seja, a partir do que está e já é naquela cultura, ressemantizam-se os significados em cada ato de comunicação. Implica sempre emissão e recepção, resultando na construção de sentidos novos, renovados – ou mesmo sentidos reconfigurados –, produzidos nesse encontro.

Por isso se fala em campo da comunicação. Cada discurso, cada programa dos meios de comunicação será produzido (emissão) e interpretado, entendido (recepção) a partir das referências de sua cultura. E ainda mais: nos processos de criação de sentidos, os produtores e os receptores, na sua condição de atores sociais, mobilizam fatores até inusitados. Podem utilizar-se, por exemplo, de certas normas e padrões, considerados arcaicos, mas que estão presentes na memória coletiva, revivendo-os, em determinadas situações contemporâneas.

MEDIAÇÕES E SIGNIFICADOS

O significado da comunicação, as significações dos produtos culturais, incluindo os produtos dos meios de comunicação, relacionam-se com o cotidiano do sujeito receptor, com suas práticas culturais, com as marcas que influenciam seu modo de ver e praticar a realidade, e que são aquelas que lhe dão segurança necessária para estruturar, organizar/reorganizar a percepção dessa realidade, reconstruindo-a, com destaques ou apagamentos, de acordo com sua cultura. Essas práticas culturais constituem os filtros, as mediações, que interferem em todo o processo comunicacional, balizando-o.

5. A letra do samba é plena de referências às músicas do compositor. E, conseqüentemente, aos períodos históricos, incluindo o da resistência à ditadura, vividos por Chico Buarque. A composição musical, fantasias, adereços, carros alegóricos, coreografia etc. completavam esse universo de referências.

Para Martín-Barbero, as mediações “são esse *lugar* a partir do qual é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não atende unicamente às necessidades do sistema industrial e às estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver. Estamos afirmando que a televisão não *funciona* sem assumir – e, ao assumir, legitimar – as demandas que vêm dos grupos receptores; mas, por sua vez, não pode legitimar essas demandas sem ressignificá-las em função do discurso social hegemônico”⁶.

Desse modo, podemos falar de um autor e de um receptor *previsíveis* naquela cultura. Podemos até dizer que, na verdade, os *receptores ideais fazem parte* do produto emitido. Mas esses *receptores ideais* não se confundem com o receptor pessoa (se assim fosse, todos os produtos dos meios de comunicação teriam sempre êxito absoluto). O receptor-sujeito vai ressignificar o que ouve, vê ou lê, apropriar-se daquilo a partir de sua cultura, do universo de sua classe, para incorporar ou não às suas práticas.

Nesse caminho podemos distinguir os estudos de recepção dos estudos de consumo. O simples fato de uma campanha de chocolate ter efetivamente possibilitado a venda de um número maior de chocolates não indica que houve recepção como a estamos entendendo. Indica apenas que houve apropriação, transitória, de alguma coisa. E estaríamos aí no campo do consumo. Logo, não é pelo fato de uma campanha publicitária ter obtido sucesso de vendas que poderemos afirmar que o sujeito receptor ressignificou comportamentos culturais, incorporando-os à sua prática. Recepção é um processo lento e contínuo e não se mede apenas pela quantidade.

RECEPÇÃO, CULTURA E ESCOLA

Os receptores tornam-se co-produtores do produto cultural. São eles que o (re)vestem de significado, possibilitando a atualização de leituras, o rompimento de caminhos pré-estabelecidos de significados, a abertura de trilhas que poderão desaguar em reformulações culturais.

A recepção, como ato cultural, desempenha importante papel na construção da realidade social⁷. Daí a importância de seu estudo. Através destes estudos podemos descobrir quais são os processos reais que resultam do encontro dos discursos dos meios de comunicação apropriados (transitoriamente) ou incorporados (com permanência na cultura) pelos sujeitos-receptores imersos em suas práticas culturais.

Os estudos de recepção estão preocupados com as características socio culturais dos receptores. Desse modo, o foco se desloca para as práticas sociais e

6. MARTÍN-BARBERO, Jesús, MUÑOZ, Sonia (coords.). *Televisión y melodrama*. Bogotá: Tercer Mundo Ed., 1992. p. 20.

7. O assunto foi abordado em LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. *Pesquisas de recepção e educação para os meios*. *Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/ Moderna, n. 6, maio/ago. 1996. p. 41-46.

culturais mais amplas, nas quais eles estão integrados. É nesse espaço que se estudará a ressignificação que os receptores produzem com relação aos produtos dos meios de comunicação.

Segundo Martín-Barbero, “abre-se ao debate um novo horizonte de problemas, no qual estão redefinidos os sentidos tanto da cultura quanto da política, e do qual a problemática da comunicação não participa apenas a título temático e quantitativo – os enormes interesses econômicos que movem as empresas de comunicação – mas também qualitativo: na redefinição da cultura, é fundamental a *compreensão de sua natureza comunicativa*. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor⁸”.

Nessa postura, o papel da escola redefine-se: não basta falar em educação para os meios ou em leitura crítica dos meios, como se os meios de comunicação fossem uma realidade externa, *de fora*. A escola precisa, portanto, não apenas problematizar o conteúdo dos meios, mostrando a interface desse conteúdo com os valores hegemônicos da sociedade e com os interesses que aí residem (ainda que se trate de uma etapa indispensável). Não basta, também, discutir as propostas dos programas midiáticos em confronto com as propostas culturais dos receptores, desvelando as convergências e divergências.

Mais que isso: é preciso falar, agora, dessa construção de sentidos sociais que se dá no encontro produtos midiáticos/receptores, no bojo da construção das práticas culturais, da construção da cidadania. É desse lugar que devemos nos relacionar com eles. E é esse o lugar de onde temos que esclarecer qual cidadania nos interessa, parece-nos sempre oportuno reiterar.

ARTIGOS NACIONAIS

As recepções em ambos os pólos – emissão e recepção – são objeto dos artigos deste número: quer seja tratando da leitura de jornais e vídeos pelos receptores, quer seja falando da leitura que a artista plástica Frida Kahlo fez de sua cultura e manifestou em suas obras, das quais somos receptores.

Jornal na escola: da informação à opinião esclarecida, de Maria de Lourdes Longhini Trevisani *et alii*, abre a seção. Nele, elas discutem as questões referentes ao jornal em sala de aula⁹, lembrando que “a leitura e a compreensão das mensagens” não são instrumentos suficientes, embora sejam “pré-requisitos para se chegar à interpretação e análise das informações”. Segundo as autoras, não se pode trabalhar com “a simplificação e o espontaneísmo que normalmente permeiam o

8. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997. p. 287.

9. Ver também sobre o assunto: BARROS FILHO, Clóvis de. *Agenda setting e educação. Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n. 5, jan./abr. 1996. p. 27-33.

pensamento supostamente crítico da realidade”. Para que a leitura do jornal contribua efetivamente para a cidadania, não podem ser esquecidas “a memória, a vivência e a visão de conjunto”, não se pode prescindir da sua inserção nas práticas culturais. O professor tem aí um papel muito importante, destacado pelas autoras.

Eduardo Peñuela Cañizal apresenta Frida Kahlo. Em seu artigo *Frida Kahlo entre as flores de Xochiquétzal*, o autor vai desvelando a mulher e a artista, apontando como sua obra revela a recepção, a leitura que Frida fez da sua cultura, a mexicana, e de como esta leitura está marcada pelas suas condições particulares. Falando da obra *Auto-retrato com colar de espinhos*, o autor vai apresentando as várias camadas de significados, mostrando que “a personagem auto-retratada alude, sem dúvida, à figura de Xochiquétzal, deusa asteca cuja significação se relaciona com as flores, as borboletas, o amor e o sacrifício”. Também estão manifestas, segundo o autor, “nessa abrangente feminilidade do mito de Xochiquétzal, os conteúdos metafóricos dessa intertextualidade que se engendra na comparação de certas configurações da obra de Frida Kahlo com as iconografias da Trezena 19 do códice Borbônico (...)”.

O artigo aponta, portanto, alguns caminhos de leitura da obra de Frida. Desse modo, colabora para que nossa recepção trilhe caminhos mais abrangentes de significação da obra, possibilitando maior fruição.

Da pintura passamos para o vídeo. *Realização e recepção: um exercício de leitura*, de Maria Teresa Azevedo da Fonseca, baseando-se em Vigotski, Bakhtin, Paulo Freire, Eisenstein, entre outros, vai nos mostrando a concepção da feitura do vídeo (o artigo e o vídeo são de Maria Teresa) e os caminhos de recepção efetivados por um grupo de educadores.

Para ela, o audiovisual (cinema e vídeo) “podem mais facilmente desencadear associações que levam aos sentidos e aos significados. Na vivência de uma dinâmica de construção/desconstrução coletiva, através de interações, os significados sociais e os sentidos de cada indivíduo afloram em uma nova construção, proporcionando uma compreensão mais ampla dos conteúdos que circulam no contexto”. Para a recepção do vídeo *O palácio da memória*, que dialoga, através de citação, com *O muro*, baseado na música de Pink Floyd, a autora utilizou-se das palavras geradoras, oriundas dos educadores. É esse processo que ela conta neste artigo.

“Imagens representando situações de violência – física e também moral – invadem as telas da TV em todas as horas do dia e da noite na maioria das emissoras. (...) O sucesso da violência como estilo estético e como símbolo ou metáfora do mundo contemporâneo parece incontestável: os números de audiência e bilheteria comprovam.” Essas constatações estão em *Estética da violência*, de Maria Luiza Belloni, tema que será tratado com profundidade no artigo¹⁰. Segundo a autora, “a violência real e fictícia”, que se repete incessantemente na TV, acaba construindo “uma realidade virtual e longínqua”, onde estão as guerras, o mau-caratismo etc.,

10. Sobre o assunto, ver também RONDELLI, Elisabeth. *Dez observações sobre mídia e violência*. *Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n. 7, set./dez. 1996. p.34-37.

deslocando o *lugar* desses fatos, criando nos receptores a percepção de que “sua realidade” está protegida. Mau-caratismo, só lá no outro lugar. Está dada uma das chaves para a leitura da violência: tranquilizar o espectador, afastando-o dos problemas de sua realidade social e política. Qual seria a diferença, perguntamos nós, quanto ao resultado entre essa situação e a censura que vivemos nos tempos da ditadura militar? Naquele tempo, também só *em outros países, em outros lugares*, distantes de nós, havia *conturbação da ordem*. O Brasil vivia na mais absoluta paz. Enquanto isso, os que se opunham ao regime eram presos, torturados, *desaparecidos* e mortos pelos órgãos de repressão. Mas nada disso era divulgado pelos meios de comunicação. Como, aliás, você vai ver neste número, na crítica de Renata Pallottini.

Maria Luiza detém-se no jovem Leonardo Pareja para mostrar o desenho do perfil do rapaz, feito pela mídia. Trata-se do processo de espetacularização, o mesmo que marca, em nosso país, tanto a violência quanto a política, permanentemente imbricadas, segundo a autora.

Tânia Maria Esperon Porto vem desenvolvendo uma disciplina voltada para o estudo do binômio educação e comunicação. É o que ela nos conta em *Educação e Comunicação como prática de pesquisa*. Como se poderá ler, a disciplina desenvolve-se numa pedagogia de análise e produção de conhecimentos, levando em consideração “a vivência e o vivido dos interlocutores, entendendo o ensino como comunicação dialógica, (re)elaboradora de conhecimentos”. No artigo se encontram os resultados de duas pesquisas “representativas da proposta trabalhada”.

ARTIGO INTERNACIONAL

Neste número, *Comunicação & Educação* inicia a publicação de uma importante pesquisa de Robert White sobre os estudos de recepção. *Recepção: a abordagem dos Estudos Culturais* foi publicado pela Universidade de Saint Louis, EUA, em 1994. Através dele pode-se perceber a mudança “do foco (...) deixando para trás a mídia como mero texto e leitura de textos”, para priorizar “o enfoque da construção de significados pelas comunidades interpretativas”. Williams, Thompson, Hoggart, Hall, Morley, entre outros, são os autores cuja contribuição é apresentada e discutida.

ENTREVISTA

Uma das maiores contribuições para os estudos do campo comunicação/educação, envolvendo as questões de recepção, entre outras, vem de Guillermo Orozco Gómez. É ele o entrevistado desse número. Em *Uma pedagogia para os meios de comunicação*, entrevista realizada por Roseli Fígaro, ele fala da tecnologia na escola, mostrando como a questão tem sido tratada com um viés reducionista muito preocupante, e colocando-a no lugar de onde deve ser pensada e discutida: o

político. Fala do papel do professor, da televisão, da questão do público *versus* privado, de pluralismo e diversidade cultural, entre outros. Fala da escola e de suas relações com os meios de comunicação. Segundo Orozco, “o caminho (para a escola) não é competir e sim fazer uma aliança estratégica: servir-se dos meios e dar conta de questioná-los sobre a aprendizagem que proporcionam às crianças e, para ser realmente relevante, fazê-lo de modo que todos os estudantes se formem de maneira mais completa, autônoma e mais crítica”. Afinal, no seio da sociedade existem outras instituições que educam e a escola, que esteve acostumada a ser *filha única*, “agora tem irmãos, tem que compartilhar e ter algo interessante para dizer, porque, caso contrário, ninguém vai escutá-la”.

CRÍTICA

Tiradentes: um presídio da ditadura, livro de memórias de presos políticos do período 69-73, é objeto da crítica feita por Renata Pallottini. Trata-se de uma obra onde predominam “manifestações vitais, depoimentos que reforçam o inato e obrigatório otimismo que – sempre – informa àqueles que dedicam sua vida a tentar modificar, com maior ou menor sucesso, o nosso mundo, esta babel em que vivemos”.

DEPOIMENTO

“O jornalista é o historiador do cotidiano.” Assim José Carlos Ruy começa seu artigo *Arquivo como base do trabalho jornalístico*, no qual ele nos apresenta o importante trabalho que não aparece e que é fundamental para o exercício do jornalismo.

EXPERIÊNCIA

Em *Língua e informática, que dupla*, Marly Camargo Vidal e Rosângela del Vecchio apresentam o trabalho que realizaram com o *software Investigando textos com Sherlock*, de David W. Carraher. As autoras partem de uma sólida fundamentação teórica para irem mostrando os avanços e os recuos necessários para que este trabalho tivesse êxito e se pudesse afirmar “que vale a pena investir em informática como instrumento”.

Ensino e pesquisa no segundo grau é o relato que Simone Antoniaci Tuzzo faz do trabalho desenvolvido por 59 grupos de alunos de segundo grau, cujo objetivo – “fazer com que os alunos aprendam a buscar as informações que desejam, literalmente tentamos ensinar a aprender” – configura, na realidade contemporânea, a meta principal da instituição escolar.

POESIA

A memória é da natureza da comunicação. Também é ela um dos fatores que trabalha a favor da construção social de significados menos alienantes. Quem fala de *Memória* para nós é Cecília Meireles. É ela quem diz: “por mais que eu esteja lembrada, ela se faz de esquecida: não há comunicação!”. Docemente, ela nos comunica seus sentimentos.

SERVIÇOS

A USP está no ar. É a *TV USP*. Ela participa da programação do Canal Universitário (CNU) e a Coordenadora Acadêmica desse trabalho é Marília Franco. É ela quem nos conta como o processo está se desenrolando. Diz a autora: “assim abraçamos esta aventura indispensável com curiosidade, experimentação, liberdade e otimismo. Só essa consciência e esse estado de espírito podem sustentar o desafio”.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

Maria Ignês Carlos Magno, em *Videografia*, a partir das lembranças da Guerra do Vietnã, refaz o percurso da História, apresentando-nos os vídeos que poderão ser usados. Resgate indispensável. Anamaria Fadul e Ismar de Oliveira Soares destacam títulos que colaboram para o aprofundamento do conhecimento em suas áreas: *Bibliografia sobre telenovela brasileira*, a primeira, e *Bibliografia sobre Comunicação e Educação*, o segundo.

Temos recebido muitas cartas de leitores falando sobre a revista. Com elogios, críticas e sugestões. Escreva-nos, também.

Resumo: O artigo trata dos estudos de Recepção dos meios de comunicação a partir da perspectiva do campo da comunicação, ou seja, como processo de interação e diálogo entre sujeitos – emissores e receptores. Destaca a importância da cultura, do cotidiano e da origem social dos receptores como constituintes da mediação, lugar para a configuração dos significados. Os estudos de recepção, desse ponto de vista, estão interessados nas características socioculturais dos receptores e como elas atuam na significação e ressignificação, no diálogo e nas práticas culturais que se dão no campo da comunicação.

Palavras-chave: recepção, campo da comunicação, cultura, discurso, realidade social

Abstract: The article deals with the Reception studies in the mass communications from the perspective of the Communications Field, in other words, as a process of interaction and dialogue between the subjects – emitters and receptors. It stresses the importance of culture, of everyday and of the social origin of the receptors as constituents of the mediation. The Reception studies, from this point of view, are interested in the sociocultural characteristics of the receptors and in how they perform on the meaning and re-meaning, in dialogue and in the cultural practices that take place in the Field of Communications.

Keywords: reception, Field of Communications, culture, discourse, social reality